

Modalidade do trabalho: Relato de Experiência (de 02 a 05 páginas)**Eixo Temático:** Educação nas Ciências

ABORDAGEM DA SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA EM AULAS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL¹

Luciana Schwerz Hüller², Eva Teresinha De Oliveira De Boff³, Salete Teresinha Bernardi Libardi⁴.

¹ Relato de Experiência, PIBID

² Bolsista PIBID - Ciências Biológicas

³ Doutorado em Educação nas Ciências (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, 2011)

Mestrado em Ciências biológicas (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, 1985)

Graduação em Ciências (UNIJUI - Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS, Brasil, 1978)

⁴ Graduada em Ciências Biológicas - Licenciatura/UNIJUI - Ijuí/RS; Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências - UNIJUI- Ijuí/RS.

Relato de Experiência, PIBID

INTRODUÇÃO

Abordar a sexualidade como orientação educativa no âmbito escolar requer que a formação e atualização a seu respeito seja contínua e possibilite um trabalho progressivo com os sujeitos em questão. Uma educação ser transformadora, numa perspectiva emancipadora, contribui na transformação do conhecimento pela reflexão, pelo questionamento e diálogo em meio aos conflitos existenciais e sociais em que cada sujeito está inserido, para tomar-se autônomo na produção do conhecimento capaz de melhorar a vida.

Mesmo sabendo-se que a sexualidade se desenvolve desde os primeiros dias de vida e é inerente à vida e à saúde, como parte do processo de desenvolvimento do ser humano, ela se constitui num tema polêmico, sobretudo, quando é discutido com crianças. Os alunos adolescentes encontram-se na faixa etária de curiosidade e descoberta sexual, além da “explosão de hormônios”, muitas vezes ignoradas, tanto pelos pais, quanto pelos educadores, os quais possivelmente tiveram uma orientação sexual rígida ou nem tiveram, o que normalmente dificulta a abordagem do assunto em questão.

Realizar o trabalho educativo na escola sobre sexualidade é necessário, importante, e requer formação apropriada, que permita tratar do assunto sem receios, favorecendo um desenvolvimento saudável para o educando. Percebemos o quanto que é necessário ao educador ter uma formação continuada que contribua para conduzir o trabalho pedagógico contemplando, também, a educação sexual. Cabe ao educador ética para ser vigilante quanto a transmitir seus valores, crenças e opiniões, uma vez que é seu papel possibilitar ao educando práticas reflexivas, que o levem a desenvolver sua autonomia e assim, ele próprio, eleger seus valores.

Entretanto, para que isso ocorra é necessário que a orientação da sexualidade seja aceita pela escola como um todo, incluindo pais e alunos. É bastante problemática a situação em que na escola se diz que sexualidade é um assunto para os pais, e vice-versa. Um trabalho conjunto com enfoque

Modalidade do trabalho: Relato de Experiência (de 02 a 05 páginas)**Eixo Temático:** Educação nas Ciências

educativo e preventivo vinculando família e escola pode contribuir com a diminuição dos índices de gravidez precoce e indesejada, DSTs, AIDS.

Nessa perspectiva, cabe à escola possibilitar ao aluno contextos diversificados de interação e discussão reflexiva sobre valores relacionados à sexualidade, favorecendo o desenvolvimento de processos de (re) significação dos aprendizados e vivências socialmente partilhados. Assim, espera-se que a educação sexual desenvolvida na escola mantenha, de uma forma ou outra, vínculos de relação com a educação na família, pelo sistemático diálogo entre essas duas instituições sociais nas quais o adolescente permanece durante a maior parte do tempo de sua vida. Contudo, muito há que avançar nessa direção, de maneira que possa contribuir com a promoção dessa relação dialógica.

É importante ressaltar que nós educandos temos acesso a muitas informações, o que pode levar à ilusão que sabemos tudo sobre sexualidade. Temos acesso às informações sobre o assunto, mas nosso conhecimento tem sempre seus limites e não se trata apenas de informação, mas de entender sobre a prática educativa. Para ser formativa, o educador necessita conhecer o educando, onde, como e com quem vive, se ele professa alguma fé religiosa, conhecer os pais e outras influências.

Partindo desses entendimentos e preocupações, desenvolvemos uma pesquisa com o objetivo de investigar possíveis relações entre a educação sexual e o ensino de conteúdos escolares, identificando e analisando possíveis implicações de mudanças decorrentes da fase da adolescência, tendo sido considerados os seguintes objetivos específicos: identificar junto aos alunos possíveis dificuldades relacionadas ao tema sexualidade; analisar o desenvolvimento de momentos educativos sobre o tema, junto aos estudantes, se possibilitam conhecimentos para abordar a educação sexual no cotidiano escolar.

A pesquisa é de natureza qualitativa, inserida no modelo de estudo de caso (Yin, 2001). O processo investigativo abordou de modo particular o tema educação sexual no contexto de desenvolvimento de aulas em um estágio curricular no ensino de Ciências Naturais, nível fundamental, em uma escola da rede pública do município de Augusto Pestana (RS), junto a uma turma de alunos composta por cinco meninos e dez meninas, entre 12 a 14 anos de idade, faixa etária que corresponde do 8º ano do ensino fundamental.

A pesquisa diz respeito ao desenvolvimento de 40 aulas de Ciências Naturais num total de quarenta horas no decorrer de um trimestre letivo. A partir das aulas realizadas e explicações os estudantes registraram suas compreensões em diários de bordo, sendo que esses instrumentos didáticos foram usados como registro para a construção de dados na pesquisa. Ao longo do processo investigativo foram atendidos os preceitos da ética na pesquisa, cabendo registrar que, para preservar a identidade dos sujeitos envolvidos na prática em análise, no presente texto eles são referidos por meio de nomes fictícios.

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO DAS AULAS DE CIÊNCIAS NATURAIS

Numa das aulas um aluno fez o seguinte questionamento “profe é verdade que depois que a menina começa a transar o corpo muda?” Outra aluna questionou o seguinte: “por que durante a TPM ficamos mal humoradas, e as vezes até com vontade de morder?” A partir de questionamentos como esses, foram retomadas discussões sobre as alterações hormonais que a menina sofre nesse período da adolescência que já haviam sido trabalhados anteriormente. Neste momento foi possível perceber a importância da contextualização para uma significação dos conceitos na vida do aluno.

Modalidade do trabalho: Relato de Experiência (de 02 a 05 páginas)

Eixo Temático: Educação nas Ciências

Possivelmente quando foram trabalhados os hormônios eles não conseguiram fazer relações agora talvez mais fáceis, por parte de uma curiosidade deles.

Particularmente, as aulas das disciplinas de Ciências Naturais abordam mais diretamente conteúdos e conceitos sobre o corpo humano e suas relações, proporcionando um meio mais presente para tratar da sexualidade e da educação sexual. As mudanças comportamentais, físicas e neurológicas, observadas na adolescência, são importantes na educação sexual e ocorrem no corpo humano, que é estudado em ciências. Assim, os professores têm mais facilidade de iniciar um diálogo sobre tais questões, iniciando uma discussão própria de Educação Sexual contextualizada e crítica, voltada para o ensino fundamental.

Uma aluna escreveu no diário de bordo a seguinte pergunta: “por que o assunto sexualidade é somente trabalhado na disciplina de Ciências?” A resposta foi de que alguns professores até tentam algumas novidades, mas não respondem com clareza e objetividade os anseios dos alunos. Cabe a escola desenvolver ação crítica, reflexiva e educativa. Praticamente todas as escolas trabalham o aparelho reprodutivo em Ciências Naturais. Geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, nem o interesse dos adolescentes, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui a dimensão da sexualidade.

O estudo de Ciências Naturais está presente no programa da escola com a função de discutir a vida e suas diferentes formas de manifestação e, junto com outras áreas, encaminham as relações estabelecidas entre o ser vivo e seu meio. De forma mais ampla, para Kuenzer (2005, p. 177), a ciências ainda pode ser entendida como disciplina cujo papel é o de “colaborar para a compreensão do mundo e suas transformações, situando o homem como indivíduo participativo e integrante do universo”.

Registros dos estudantes no diário de bordo indicam que eles têm interesse em se apropriar de novos conhecimentos, a exemplo do excerto registrado pelo aluno Aloísio, quando ele escreve que quer: “aprender algo novo”.

As palavras registradas no diário de bordo pela aluna de Ângela, em que ela escreve que quer “mais aprendizagem” e “mais conhecimento” também denotam que pode estar havendo limitações em relação à construção de novos conhecimentos, com novas aprendizagens. Mas, segundo os PCN (BRASIL, 1998), a Educação Sexual deve ser inserida como um tema transversal, então, disciplinas como inglês e português poderiam trabalhar com textos sobre o assunto. Assim, em outras disciplinas como história, no momento de estudo sobre determinada região, poderia se buscar a história da sexualidade e da constituição do sujeito sexuado. Se cada disciplina for enriquecida com essas informações sobre sexualidade, os alunos ouviriam sobre o tópico com mais frequência.

As análises das respostas dos alunos demonstram que a sexualidade e a educação sexual não vem sendo trabalhadas como seria de esperar, sendo importante avançar de modo que ela se entrecruze nos distintos âmbitos do contexto escolar, incluindo a vigilância pedagógica quanto às implicações nos estudos e nas aprendizagens das mudanças no desenvolvimento decorrentes da fase da adolescência.

No que tange ao uso do diário de bordo como recurso no ensino e na sistematização dos aprendizados pelos estudantes, como diz o aluno Ângelo, sobre a forma de “desenvolver o diário de bordo em sala de aula” ele assinala que se trata de uma forma “mais dinâmica”. Ou ainda, como diz

Modalidade do trabalho: Relato de Experiência (de 02 a 05 páginas)

Eixo Temático: Educação nas Ciências

a aluna Ana, trata-se de uma forma “diferente de ensinar”. Quanto ao “modo que eu fui ensinado a fazer o diário de bordo, foi fácil”, como diz o aluno Antônio. Ou ainda, “foi interessante”, como diz o aluno Alex.

Procurou-se enfatizar os problemas considerados mais significativos na formação inicial do professor, métodos que auxiliem os processos de pesquisa e aprendizagem dentro do espaço escolar. A função do diário de bordo estimula a criatividade dos alunos, bem como, os instiga a buscar e compreender fatos que acontecem em sua volta, faz compreender melhor os conteúdos estudados, amplia suas reflexões e seus conhecimentos sobre determinados assuntos.

As respostas dos alunos se refletem nas suas participações em sala de aula, de seus entendimentos e conhecimentos sobre os assuntos abordados, na melhora da interação entre professor e aluno, e, também no desenvolvimento das atividades, onde todos os alunos participaram.

Houve uma situação em que uma menina no final da aula pediu para falar em particular com a professora e a pergunta dela era: “o que pode ser, que já faz dois meses que eu não menstruo?” Aí eu questionei a quanto tempo ela já menstruava e se este atraso já tinha acontecido outras vezes. A menina respondeu que já menstruava uns dois anos e que nunca tinha acontecido. Quando perguntada se ela sentia alguma dor e se ela já tinha conversado com a mãe a respeito disso, neste momento ainda não foi levantada a hipótese de uma gravidez, por não conhecer muito bem a família, apenas se sabia que eram evangélicos. A menina era bastante tímida, então foi considerado melhor sugerir que ela conversasse com a mãe e talvez fossem procurar um médico, pois poderia ser uma alteração hormonal. Na semana seguinte, ao final da aula, foi retomada a conversa com ela sobre o assunto e, então, ela disse: “a menstruação desceu”.

Neste momento foi possível perceber que essa menina não tinha liberdade para conversar, até mesmo com a mãe, sobre este assunto, então foi procurar a professora. Nesse momento é importante que o professor passe confiança aos alunos. A ação conjunta entre escola e família é fundamental se queremos, de fato, educar em sexualidade. Guimarães (1995) nos lembra que o papel que a família tem na formação sexual de seus filhos, oferecendo “educação sexual” de modo assistemático e muitas vezes dogmático precisa ser reconhecido e dialogado, na escola, quando se pretende discutir sobre sexualidade de modo pedagógico. Nas palavras do autor:

É a bagagem da educação informal, adquirida na família e na comunidade, o ponto de partida para se pensar em Educação Sexual na escola. Os programas educacionais sobre sexo nunca vão poder ignorar, repudiar, ou mesmo antagonizar as influências primeiras na construção da sexualidade (GUIMARÃES, 1995, p.99).

Dessa maneira, considera-se que todo o trabalho de educação sexual deve ser conjunto, e interdisciplinar, pois a sexualidade é, também, construída coletivamente, em meio social e cultural. A família tem a responsabilidade de dialogar com a escola, saber ouvir e conversar com seus filhos num processo de educação sexual emancipatório.

É necessário que o professor tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com os jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. Os professores necessitam entrar em contato com suas próprias dificuldades diante do tema, com questões teóricas, leitura e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens [...] reconhecer os valores que regem seus próprios comportamentos e orientam sua visão de mundo, assim como reconhecer a legitimidade de valores e comportamentos diversos dos

Modalidade do trabalho: Relato de Experiência (de 02 a 05 páginas)

Eixo Temático: Educação nas Ciências

seus. Tal postura cria condições mais favoráveis para o esclarecimento, e informação e o debates em imposição de valores específicos (BRASIL, PCN/MEC, 1998, p.303).

Os recortes dos dados que aqui estão brevemente apresentados e discutidos sinalizam indícios de importantes relações de mútua implicação entre o ensino de ciências e a educação sexual, contudo, muito há que se avançar na pesquisa e na produção de conhecimento, teórico e prático, acerca da complexidade de tal relação. Sinalizam, também, o quanto que é imprescindível promover avanços, sobretudo, na formação dos professores, a começar pelo curso de licenciatura, como foi o caso da presente experiência formativa no contexto do estágio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta pesquisa, ainda restam muitas dúvidas sobre a sexualidade, haja vista a complexidade e amplitude do assunto. Primeiramente possibilitou entender a sexualidade não exclusivamente relativa ao ato sexual, mas como um conjunto de manifestações expressas nas maneiras de sentir e de viver o corpo e seus prazeres. Falar de sexualidade envolve o descobrimento do corpo e dos desejos provenientes dele, e que não se restringe a conhecer os ovários, tubas uterinas, útero, canal vaginal e genitália externa, os testículos, epidídimo, canal deferente, próstata, vesícula seminal, uretra e pênis. Essas mudanças estão relacionadas com o meio social, cultural e biológico. Toda criança e todo o jovem precisam de orientações e de apoio nas fases que envolvem essa descoberta do novo, da mudança, do crescimento. Assim como a família deve buscar orientar e responder às dúvidas de seus filhos (as), a escola desempenha um papel fundamental na educação sexual. Nela as interações acontecem e junto ocorre a troca de informações entre os alunos. O que ainda não havia sido descoberto já não será novidade. Se as dúvidas não forem acompanhadas por familiares e educadores, as respostas a tantas curiosidades sobre a sexualidade poderão ser errôneas.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- MORIN, Edgar. Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro 2ª. Ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e método 2.ed.-Porto Alegre: Bookman, 2001.
- BAGNATO, M. H. S. A contribuição educativa dos programas de saúde na 5ª série do 1º grau. São Paulo. 1987. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, UFSCar.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998. (GUIMARÃES, 1995, p.99).